

# A unanimidade da MPB

Cláudio Uchôa

**J**acob do Bandolim, uma das poucas unanimidades musicais brasileiras, tem sua vida retratada por Ermelinda Paz numa biografia da Editora Funarte (R\$ 16). "Ele fez com que o bandolim deixasse de ser apenas um instrumento de acompanhamento", avisa Ermelinda, que chegou a esta conclusão após entrevistar três gerações de instrumentistas.

Mas classificar Jacob do Bandolim apenas como um virtuoso seria uma injustiça. Além de criador de clássicos do choro como *Doce de Coco*, *Noites Cariocas* e *Cabuloso*, Jacob teve papel fundamental na formação de novos músicos. Os saraus que organizava em sua casa, em Jacarepaguá, influenciaram nomes como Paulinho da Viola, que freqüentava o local levado por seu pai, César Faria, violonista do *Época de Ouro*, grupo fundado por Jacob e ainda em atividade. "Lembro de uma sala ampla e muita gente entusiasmada. Quando o Jacob tocava, era o maior silêncio. Ele era penetrado e solene. Mas, assim que acabava, havia uma explosão de alegria", lembra Paulinho.

Jacob Pick Bittencourt nasceu no Rio em 18 de fevereiro de 1918 e morreu de enfarte numa sexta-feira, 13 de agosto de 1969. A falta de Jacob foi imortalizada na música *Naquela Mesa*, composta por seu filho Sérgio Bittencourt: "Naquela mesa tá faltando ele/ E a saudade dele/ Tá doendo em mim..."

## UM OUVIDO

### SEMPRE APURADO

■ **TOM JOBIM** — Ermelinda conta no livro que não foram poucas as vezes em que Jacob dizia que o pessoal que divulgava a bossa nova não sabia o que era bossa nova. E ilustra a afirmação com a história do primeiro encontro de Jacob com Tom Jobim: "Jacob foi logo perguntando como era a verdadeira *Chega de Saudade*. E Tom respondeu com uma pergunta: 'Como você descobriu que as 17 gravações de *Chega de Saudade* estão erradas?'"

■ **RIGIDEZ** — Jacob sempre manteve uma postura rígida e a fama de durão. "Quando um músico seu errava uma nota, o olhar dele era de fuzilamento", lembra o jornalista Sérgio Cabral.

■ **HUMOR** — Segundo Ermelinda, Jacob aconselhava aos seus músicos que tivessem outra profissão. "Ele dizia que, para não ceder às exigências do mercado, precisava tirar a subsistência de outro emprego. Jacob mesmo foi escrivo da Justiça."

## Livro mostra como Jacob do Bandolim influenciou três gerações da música brasileira



• Jacob fez com que o bandolim deixasse de ser apenas um instrumento de acompanhamento

## O bruxo do bandolim

Ricardo Cravo Albin

Numa das reuniões do Conselho de Música Popular que eu presidia no Museu da Imagem e do Som dos anos 60, convidei Jacob para participar da mesa como secretário-geral. Jacob envergara uma camisa listrada bem italiana, o que me levou à asneira de fazer com ele uma brincadeira de certo mau-gosto: "E agora, senhores, diretamente de Veneza, o gondoleiro Jacobo del Bandolino!" Mais zangado que de bom-humor, o grande músico aproveitou para fazer um

discurso quase irado apenas para reafirmar os seguintes pontos:

- 1 - Ele se orgulhava de só tocar sambas e chorinhos;
- 2 - Ele se considerava ainda mais nacionalista que Ary Barroso;
- 3 - E, finalmente, até preferia que o chamassem de Mané do Bandolim, ao invés do hebreu Jacob.

Jacob do Bandolim era exatamente isso: uma bomba de gênio e talento pronta a explodir, movida por qualquer coisa capaz de lhe provocar emoção. Essa historinha não está no belo livro de Ermelinda Paz, mas o essencial de Jacob lá

está, num preto emocionante.

Voltando ao bruxo do bandolim, nada lhe acendia tão intensamente o lendário pavio curto quanto o simples ato de tocar seu minúsculo instrumento, menor ainda quando empunhado por aquele gigante de ventre avantajado. Fui testemunha de vários de seus grandes momentos nos anos 60: o primeiro infarto, ao meu lado, no Clube de Jazz e Bossa; as reuniões acaloradas no nosso Conselho de MPB; as brigas com o Lupercal Miranda.

Jacob, sobretudo, foi um gênio avassalador.